



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 09/04/2021 a 15/04/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
09/04/2021	14,03	401,20	52,85	6,38	5,77
12/04/2021	13,82	401,90	51,45	6,28	5,69
13/04/2021	13,89	395,00	53,03	6,29	5,80
14/04/2021	14,10	398,20	54,24	6,48	5,94
15/04/2021	14,18	401,90	54,89	6,53	5,90
Média	14,00	399,64	53,29	6,39	5,82

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	165,00	
RS – Não Me Toque	164,00	
RS – Londrina	159,00	
PR – Cascavel	159,00	
MT – C.N.Parecis	155,00	
MS – Maracaju	157,00	
GO - Rio Verde	160,00	
BA – L.E.Magalhães	161,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	82,00	CIF
Porto de Paranaguá	85,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	83,00	
SC – Rio do Sul	88,00	
PR – Cascavel	90,00	
PR – Londrina	90,00	
MT – C.N.Parecis	73,00	
MS – Maracaju	85,00	
SP – Itapetininga	95,00	
SP – Campinas	97,00	CIF
GO – Rio Verde	78,00	
GO – Jataí	78,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	80,00	
RS – Não Me Toque	80,00	
PR – Londrina	88,00	
PR – Cascavel	90,00	

Período: 14/04/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 15/04/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	81,35	165,50	79,52

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
15/04/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	86,71
Feijão (saco 60 Kg)	287,00
Sorgo (saco 60 Kg)	62,50
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,97
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,89**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,71

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Março/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago recuaram durante a semana, chegando a bater em US\$ 13,82/bushel. Todavia, mais para o final da mesma houve recuperação e o bushel acabou fechando a quinta-feira (15), para o primeiro mês cotado, em US\$ 14,18, contra US\$ 14,15 uma semana antes. Mais uma vez o óleo de soja foi um elemento de impulso aos preços do grão. Este subproduto, após ter recuado para 51,45 centavos de dólar por libra-peso, no início da semana, saltou para 54,89 centavos, ganhando em três dias 6,7%. Já o farelo perdeu ímpeto e voltou a ser cotado abaixo do piso dos US\$ 400,00 por tonelada curta em alguns dias da semana, chegando a atingir sua mais baixa cotação desde meados de dezembro passado.

Por enquanto, com a firmeza nos preços do petróleo o valor dos óleos vegetais tem crescido. Além disso, a demanda pelos mesmos tem sido consistente, enquanto a oferta é menor devido a problemas climáticos que reduziram a produção da palma, girassol, canola e soja em diferentes pontos do mundo neste último ano comercial. Assim, os preços do óleo de soja, em particular, estão nos mais altos níveis históricos nestas últimas semanas.

Dito isso, o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 09/04, não trouxe grandes novidades. De fato, o relatório mais importante é o do mês de maio, previsto para o dia 12 daquele mês, pois trará as primeiras projeções sobre a futura safra nos EUA, assim como algumas revisões de estoques e de área semeada.

Vale destacar que o referido relatório apontou um aumento na produção e nos estoques finais mundiais de soja, com os mesmos ficando, agora, respectivamente em 363,2 e 86,9 milhões de toneladas, com acréscimo entre dois a três milhões de toneladas sobre o anunciado em março. Não houve modificações nos números dos EUA, porém, a produção brasileira de soja foi aumentada para 136 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina foi mantida em 47,5 milhões de toneladas. As importações chinesas foram mantidas em 100 milhões de toneladas para o ano comercial 2020/21.

A partir de agora o chamado “mercado do clima” passa a dominar o comportamento dos especuladores e operadores em geral na Bolsa de Chicago. Por enquanto, as chuvas ocorrem normalmente, porém, o plantio da soja desponta apenas a partir do final de abril. Outro elemento em jogo é a área que definitivamente será semeada pelos produtores estadunidenses, após a intenção de plantio vir menor do que o esperado. A área definitiva teremos apenas no final de junho próximo.

Estudos recentemente realizados dão conta de que a média do custo de produção por hectare de soja nos Estados Unidos fica em US\$ 1.135,99 (ao câmbio de hoje, o equivalente a R\$ 6.361,54), resultando em um lucro de US\$ 402,45 (R\$ 2.253,72), considerando uma produtividade de 57,84 sacas por hectare, a partir de um preço de US\$ 12,51/bushel em Chicago para novembro e um desconto em relação aos negócios no mercado físico de 45 centavos de dólar. Para o milho, o retorno financeiro estimado, no atual cenário, é de US\$ 344,09 por hectare (R\$ 1.931,94), contabilizando um custo de produção de US\$ 1.705,92/ha (R\$ 9.553,15/ha), uma produtividade média esperada de 186,74 sacos por hectare e um desconto em relação aos negócios no mercado físico de 30 centavos de dólar. Em ambos os casos, o retorno financeiro é melhor do

que o obtido no ano passado. Embora haja diferença considerável em favor da soja, a mesma ainda seria insuficiente para promover mudanças expressivas no plantio a ser efetuado pelos produtores norte-americanos. (cf. Agrinvest Commodities)

Em sendo assim, a safra de soja a ser semeada ficará apertada em oferta destes grãos, não permitindo espaços para perdas. É neste contexto que o clima nas regiões produtoras dos EUA ganha uma dimensão ainda mais importante neste ano, entre maio e outubro particularmente.

Afinal, em condições normais de clima as projeções, diante da área a ser semeada, apontam para uma produção máxima em soja de 120 milhões de toneladas nos EUA, considerando uma produtividade média de 56,9 sacos por hectare. Em isso ocorrendo, mesmo assim os estoques finais estadunidenses ficariam em apenas 620.000 toneladas, levando a relação estoque x uso a tão somente 0,5%, ou seja, uma das menores da história. Assim, se houver quebra de produtividade, apenas com elevação dos preços para conter a demanda, fato que manteria as cotações em Chicago bastante altas. Já no milho, diante da área a ser semeada, espera-se uma produção de 381,2 milhões de toneladas a partir de uma produtividade média de 187,78 sacos/hectare. Neste caso, os estoques finais ficariam em 32,03 milhões de toneladas, com uma relação estoque x uso de 8,3%. (cf. Agrinvest Commodities)

De forma mais conjuntural, tem-se que os embarques de soja pelos EUA, na semana encerrada em 08/04, somaram 327.799 toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. No total do ano comercial, até o momento, os embarques chegam a 54,8 milhões de toneladas, contra pouca mais de 32 milhões no mesmo período do ano passado.

Aqui no Brasil, com um câmbio que se manteve ao redor de R\$ 5,60 e R\$ 5,70, os preços melhoraram um pouco, porém, em termos médios e nominais os mesmos estão nestes níveis há cerca de seis meses. Assim, o balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 165,50/saco. Nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 155,00 e R\$ 161,00/saco.

A colheita da soja no Brasil atingia a 87,2% da área até o dia 09/04, contra 85,1% da média histórica. A mesma está praticamente encerrada nos Estados do Centro-Oeste e em Rondônia, e se aproxima do final no Paraná, São Paulo e Minas Gerais. No Rio Grande do Sul ainda há atraso, com a mesma chegando a 50% da área total.

Quanto às exportações, até a segunda semana de abril a média diária brasileira atingia a 964.100 toneladas de soja, contra 742.700 toneladas no mesmo mês de 2020.

Enfim, importante se faz destacar que a produção mundial de soja certificada chegou a 4,6 milhões de toneladas em 2020, com alta de 15% sobre 2019. Segundo a Associação responsável por esta produção no Brasil, trata-se de soja sustentável, combinada com rastreabilidade em toda a cadeia produtiva da oleaginosa. O Brasil lidera esta produção específica, com 3,7 milhões de toneladas em 2020. A expectativa é de que em 2021 o volume produzido cresça entre 15% e 20% no país.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago voltaram a subir nesta semana, se aproximando dos US\$ 6,00/bushel, algo que não é visto desde julho de 2013. O fechamento desta quinta-feira (15), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 5,90/bushel, contra US\$ 5,79 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 09/04, pouco trouxe de novidades. O mesmo apontou um aumento de um milhão de toneladas na produção mundial, trazendo a mesma para 1,137 bilhão de toneladas, porém, reduziu os estoques finais mundiais em praticamente quatro milhões de toneladas, a 283,8 milhões de toneladas. A safra brasileira permaneceu estimada em 109 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina recuou para 47 milhões. Houve, igualmente, redução nos estoques finais dos EUA, com os mesmos caindo quase quatro milhões de toneladas para ficarem em 34,3 milhões de toneladas no final de 2020/21.

Em paralelo, o plantio da nova safra de milho nos EUA, até o dia 11/04, atingia a 4% da área esperada, contra 3% na média histórica. Todavia, o mercado esperava um total de 6% semeado.

Quanto às exportações de milho, os EUA atingiram a 1,6 milhão de toneladas na semana anterior, ficando dentro das expectativas do mercado. Assim, o total exportado no atual ano comercial é de 37,6 milhões de toneladas, superando em muito as 20,6 milhões embarcadas em igual momento do ano anterior.

Já no Brasil, os preços do milho continuaram a subir, atingindo a R\$ 81,35/saco na média gaúcha nesta semana. Nas demais praças nacionais os preços giraram entre R\$ 73,00 e R\$ 95,00/saco, sendo que no Paraná os preços bateram em R\$ 90,00. Enquanto isso, na B3, pela primeira vez na história, o preço ultrapassou a R\$ 100,00/saco em valores nominais. No fechamento da quarta-feira (14) o contrato maio atingiu a R\$ 100,50, após ter se aproximado de R\$ 105,00 nos dias anteriores. Já o contrato julho fechou o dia em R\$ 96,01/saco, enquanto setembro ficou em R\$ 92,90 e novembro em R\$ 93,80/saco. Estes patamares são alcançados porque são poucos os que possuem milho para vender e, por enquanto, não demonstram interesse em fazê-lo.

Neste contexto, os preços do milho continuam batendo recordes, atingindo o dobro do valor de um ano atrás em muitas praças nacionais. Quem tem milho, diante dos problemas climáticos que continuam atrapalhando a safrinha, segura o produto disponível. Com isso, o custo de produção do setor das carnes, ovos e leite dispara.

Em termos de colheita da safra de verão, a região Centro-Sul do Brasil atingia a 76% da área na semana anterior, contra 82% na média histórica. No Paraná a mesma atingia a 98% da área, em Santa Catarina 91% e no Rio Grande do Sul 84%. Já a safrinha está com seu plantio praticamente encerrado na região. (cf. Datagro) O clima agora será decisivo para definir o volume que teremos nesta safrinha, havendo já redução do mesmo em relação às projeções iniciais.

Dito isso, do Mato Grosso do Sul chega uma informação importante. Segundo a Associação dos Produtores de Soja e Milho daquele Estado, enquanto atualmente o

preço do milho supera os R\$ 80,00/saco, a média ponderada efetivamente alcançada pelos produtores, no período de junho/20 a abril/21, chega a apenas R\$ 44,20/saco. A safra do cereal 2020/21 começou a ser comercializada em junho do ano passado, a um preço de R\$ 36,25/saco. Geralmente os produtores daquele Estado comercializam 50% de sua safra de forma antecipada.

Já no Mato Grosso, a expectativa de produtividade da safrinha foi reduzida em 3,6%, ficando em 102,5 sacos/hectare. Com isso a produção final do Estado recuaria para 34,97 milhões de toneladas de milho, ficando 1,33% abaixo do registrado no ano anterior. O atraso no plantio, quando 45% da área ficou fora da janela ideal de semeadura, explica este recuo previsto na produtividade. A janela ideal mato-grossense para o milho safrinha vai até o dia 28/02.

Por sua vez, no Paraná 92% das lavouras de verão foram colhidas até a semana passada. Já a safrinha atingia a 99% da área plantada, sendo que 76% das mesmas estavam em boas condições. No oeste do Paraná entre 30% e 40% das lavouras ficaram fora da janela ideal de plantio. A produção final da safrinha deve ficar ao redor de 13 milhões de toneladas, porém, os problemas climáticos existentes permitem esperar menos do que esse volume. (cf. Imea)

De fato, haveria estresse hídrico em parte do Paraná, Mato Grosso do Sul e São Paulo. Assim, não se descarta que a produção final da safrinha brasileira fique entre 75 e 80 milhões de toneladas.

Enfim, em termos de clima, segundo previsões do Instituto Nacional de Meteorologia, há 60% de chances de termos chuvas abaixo do normal no Centro-Sul brasileiro em abril, maio e junho. Já no Centro-Oeste as chuvas devem ficar dentro da normalidade no Mato Grosso do Sul e abaixo disso em Goiás e Mato Grosso. No Sudeste igualmente há 60% de chances de as mesmas ficarem abaixo do normal. Enfim, a maior parte da Região Sul brasileira pode receber até 100 mm de chuva a menos do que a média normal dos últimos anos.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago subiram novamente nesta semana, fechando a quinta-feira (15) em US\$ 6,53/bushel, contra US\$ 6,28 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 09/04, trouxe algumas modificações no cenário do trigo, com o principal ponto sendo a redução em quase seis milhões de toneladas nos estoques finais mundiais do cereal para 2020/21. A safra Argentina está calculada em 17,6 milhões de toneladas, enquanto as importações brasileiras de trigo se mantiveram em 6,7 milhões de toneladas no ano.

Nos EUA, a semeadura do trigo de primavera alcançou 11% da área esperada, contra 6% na média histórica para esta época.

Todavia, a redução dos estoques finais mundiais e o clima seco nas planícies do norte dos EUA, e também na Europa, acabaram puxando para cima as cotações do cereal.

Já os embarques de trigo por parte dos EUA, na semana encerrada em 08/04, atingiram a 458.432 toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. O total acumulado no ano comercial soma 21,4 milhões de toneladas, sendo muito semelhante ao volume do ano passado nesta época.

E no Brasil os preços se mantêm em alta. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 79,52/saco, enquanto no Paraná o produto já bate entre R\$ 88,00 e R\$ 90,00/saco.

E isso ocorre mesmo com os moinhos abastecidos e vendendo em ritmo lento os derivados do trigo, como a farinha. Os vendedores do cereal procuram resistir nos atuais preços, embora a demanda já esteja olhando com atenção a possibilidade concreta de uma oferta bem melhor do cereal a partir da nova colheita em setembro. Em clima normal não se descarta a possibilidade de uma produção total nacional, neste ano, ao redor de 6,5 milhões de toneladas (a Conab projeta 6,37 milhões de toneladas).

Por enquanto, os preços internos do trigo não apresentam tendência de recuo no médio prazo, ou seja, até junho pelo menos. Com a pouca oferta interna de qualidade e os altos preços de importação, o preço dos lotes do produto nacional está cada vez mais elevado, enquanto os moinhos só compram “da mão para a boca”, ou seja, o estritamente necessário, esperando que os preços recuem com a chegada da nova safra.